Laura Bellini



Deixe a Última Chave Comigo

A última chave pode abrir mais do que uma porta

Deixe a Última Chave Comigo

A última chave pode abrir mais do que uma porta

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903285

ALL-IN Rafał Płonkowski

ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As condições do retorno 12
Capítulo 2 - Os limites que nós mesmos estabelecemos 25
Capítulo 3 - O que não se vê sob o reboco 39
Capítulo 4 - Depois do expediente 51
Capítulo 5 - O direito de dizer não 64
Capítulo 6 - Quando as portas permanecem abertas 75
Capítulo 7 - As coisas que não dissemos 86
Capítulo 8 - Entre o desejo e a confiança 97
Capítulo 9 - O risco que escolhemos juntos 108
Capítulo 10 - Mais do que amizade 120
Capítulo 11 - Uma manhã sem armadura 131
Capítulo 12 - Os documentos que faltavam 143
Capítulo 13 - O preço das decisões dos outros 154
Capítulo 14 - A verdade que ainda falta 164
Capítulo 15 - Tudo o que ele não disse 175
Capítulo 16 - As portas que precisam permanecer fechadas 187
Capítulo 17 - Um lugar para chamar de meu 197
Capítulo 18 - O primeiro passo sem garantias 207
Capítulo 19 - À mesma mesa 217
Capítulo 20 - A última chave 228

INTRO

Pela primeira vez em sete anos, eu segurava na mão uma chave que não queria entregar a ninguém.

Era pesada, de latão, com a letra M gravada na parte superior. Estava sobre a palma da minha mão aberta enquanto eu permanecia no meio de um apartamento em uma das ruas secundárias de Nadodrze, bairro de Wrocław. O ar tinha cheiro de poeira, reboco úmido e madeira que alguém, muitos anos antes, tentara salvar com uma camada grossa demais de verniz. Do lado de fora, a chuva de novembro desfazia os contornos dos prédios antigos, enquanto do pátio vinha o ruído monótono dos operários desmontando um velho andaime.

Eu tinha trinta e sete anos, meu próprio ateliê de restauração, um financiamento imobiliário e experiência suficiente para saber que edifícios antigos raramente cumpriam suas promessas. Mesmo assim, era justamente ali que eu pretendia começar o projeto mais importante dos últimos anos.

Não se tratava apenas de uma reforma.

Eu queria criar um lugar onde pudesse trabalhar segundo minhas próprias regras. Sem clientes telefonando aos domingos, sem aceitar encomendas apenas porque precisava manter as contas em dia. Um espaço para restaurar interiores antigos, oferecer oficinas e recuperar objetos que outras pessoas consideravam inúteis.

Eu vinha planejando aquilo havia meses. Tinha um orçamento, um cronograma, o compromisso preliminar de duas colegas e economias que não pretendia desperdiçar em mais uma concessão.

Faltava apenas uma coisa.

A autorização de Gustaw Łoś.

Fechei os dedos em torno da chave ao ouvir passos na escada. Reconheci aquele som antes mesmo de alguém aparecer à porta. Passos tranquilos, regulares, um pouco confiantes demais. Antigamente, significavam que alguém estava prestes a me trazer um café, carregar uma caixa pesada de ferramentas ou colocar, sem perguntar, uma música que nós dois gostávamos de ouvir enquanto trabalhávamos.

Agora, significavam problemas.

— Eu sabia que encontraria você perto das janelas.

Virei-me.

Gustaw estava parado à entrada, usando um casaco escuro, com os cabelos úmidos e uma pasta de couro debaixo do braço. Tinha quarenta e dois anos, alguns fios prateados nas têmporas e o mesmo hábito irritante de observar as pessoas antes de decidir o que dizer. Durante sete anos, eu o vira apenas esporadicamente, sempre em circunstâncias que exigiam cordialidade. Funerais, encontros ocasionais, conversas breves sobre a saúde de nosso mentor em comum.

Naquele dia, porém, ele me olhava como se tivéssemos nos separado na véspera.

— E eu sabia que você chegaria atrasado — respondi.

Ele consultou o relógio.

— Quatro minutos.

— É impressionante como você consegue medir o tempo com precisão quando não se trata das suas promessas.

Algo que não consegui identificar atravessou seu rosto. Ele não respondeu imediatamente. Fechou a porta, deixou a pasta sobre o parapeito da janela e tirou o casaco. Por baixo, usava um suéter cinza-chumbo, cujas mangas arregaçou quase automaticamente. Eu me lembrava daquele gesto. Lembrava-me de coisas demais.

— É bom ver você, Sabina.

Eu não esperava ouvir aquilo. Muito menos daquela maneira. Sem a indiferença educada com que costumávamos conversar na presença de outras pessoas.

— Vamos direto ao assunto.

Ele assentiu, mas não se moveu imediatamente. Observou um trecho de moldura decorativa que eu havia deixado exposto, as amostras de cores espalhadas sobre a mesa e uma porta antiga apoiada contra a parede.

— Você começou sem consultar ninguém.

— Fiz algumas sondagens nas camadas de revestimento. Não alterei a estrutura.

— Eu sei.

— Então por que está falando assim?

— Porque também sei que você já encomendou os materiais.

Deixei a chave ao lado do meu caderno de anotações. Não gostei de descobrir que ele conhecia os detalhes do meu cronograma. Gostei ainda menos de perceber que, em parte, tinha razão. O ateliê que havíamos herdado juntos de Michał Rudzki exigia um acordo antes que qualquer um de nós tomasse decisões sobre seu futuro.

Durante vinte anos, Michał me ensinara a respeitar coisas cujo valor não podia ser reduzido a uma avaliação

financeira. A Gustaw, aparentemente, ensinara a responsabilidade pelas pessoas e pelos edifícios. Pelo visto, não imaginara que, ao deixar metade do ateliê para cada um de nós, acabaria nos obrigando a entrar novamente na vida um do outro.

— Posso usar os materiais em outro lugar — respondi. — Não gastei dinheiro da conta conjunta.

— Não estou acusando você.

— Ainda.

Ele esboçou um sorriso quase imperceptível.

— Você continua terminando minhas frases.

— Você continua me dando motivos para isso.

Durante alguns instantes, ficamos nos olhando em silêncio. A chuva se intensificou, tamborilando no parapeito de metal. Gustaw se aproximou da parede onde eu havia revelado um fragmento da pintura decorativa original. Parou a uma distância adequada, sem tocar na superfície frágil.

— Michał teria adorado isso — comentou.

Aquela única frase acabou com minha vontade de fazer outra provocação.

— Encontrei essa pintura sob três camadas de tinta. Provavelmente é do início do século XX. Quero deixar esse trecho visível.

— Sei quanto trabalho exige uma descoberta dessas.

— Você não sabe quanto me custou voltar aqui.

Ele me observou com mais atenção.

Durante sete anos, eu aprendera a falar de nossa antiga amizade sem revelar o quanto seu fim havia me machucado. Naquela época, Gustaw escolhera responsabilidades que eu

não conseguira aceitar. Eu escolhera partir e seguir meu próprio caminho profissional. Nenhum de nós havia realmente conseguido impedir o outro de ir embora.

Eu não queria voltar àquelas conversas. Não naquele apartamento, que deveria representar um novo começo.

Gustaw se afastou da parede.

— Tenho uma proposta para o ateliê. Gostaria que você a ouvisse antes de qualquer coisa.

— Está na sua pasta?

— Entre outras coisas.

— Parece animador.

— Sabina.

Ele pronunciou meu nome em voz mais baixa. Antigamente, isso bastava para eu parar de fingir que estava zangada. Agora, precisei me lembrar de que já não éramos as mesmas pessoas.

— Não vou assinar nada hoje — avisei.

— Não estou pedindo uma assinatura.

O celular vibrou no bolso dele. Gustaw olhou a tela e recusou a chamada tão depressa que só consegui distinguir um sobrenome escrito em letras maiúsculas: WIERZBICKI.

— É importante? — perguntei.

— Pode esperar.

— Tudo sempre pode esperar até você decidir o contrário.

Dessa vez, ele não fez nenhum comentário. Virou o celular com a tela para baixo e o deixou sobre o parapeito. Meu olhar se deteve em suas mãos. Grandes, com uma cicatriz antiga e fina no polegar. Eu me lembrava do dia em

que ele tentara consertar sozinho uma ferragem danificada, apesar de eu tê-lo alertado sobre a chapa de metal rachada.

A memória podia ser impiedosa. Guardava detalhes dos quais uma mulher sensata já deveria ter se livrado havia muito tempo.

— Precisamos de tempo para calcular os custos e avaliar as possibilidades — disse ele. — Não basta que nós dois tenhamos feito promessas a Michał.

— Não pretendo tomar decisões por sentimentalismo.

— É justamente por isso que quero conversar diretamente com você, e não por intermédio de advogados.

Aproximei-me da mesa e abri a planta do apartamento. Gustaw ficou do outro lado e depois se inclinou para examinar as pequenas marcações perto da parede estrutural. De repente, a distância entre nós era menor do que aquela à qual eu me acostumara nos últimos anos.

Ele tinha cheiro de chuva, algodão limpo e alguma coisa familiar que me fez lembrar das noites em que trabalhávamos até tarde no ateliê de Michał. Não me afastei. Não por falta de espaço. Queria descobrir, por um instante, se ele também se lembrava.

— Esse projeto é seu? — perguntou.

— Desde o primeiro traço.

— É bom.

Levantei os olhos.

— Você não precisa tentar me convencer com elogios.

— Não estou tentando. Percebo que você pensou em tudo, menos em uma coisa.

— Em quê?

— No fato de que você não é a única pessoa que perdeu alguma coisa aqui.

Endireitei-me lentamente.

Foi exatamente naquele momento que o celular de Gustaw voltou a vibrar. Dessa vez, ele nem olhou para a tela. Continuou me encarando como se tivesse tomado uma decisão que ainda não conseguia colocar em palavras.

Deslizei uma segunda cópia da planta na direção dele.

— Está bem. Vou ouvir sua proposta. Mas primeiro vamos estabelecer uma regra. Nada de tomar decisões pelas minhas costas.

Seu olhar permaneceu fixo no meu rosto.

— É razoável.

Ele não disse que concordava.

Só quando saiu para o corredor, a fim de atender outra ligação, percebi que havia deixado a pasta sobre o parapeito da janela. Pela abertura da pasta, que não estava completamente fechada, aparecia um cartão de visita de uma empresa especializada na locação de imóveis comerciais. Não o retirei. Não precisava de mais um motivo para desconfiar dele antes mesmo de começarmos a conversar.

Em vez disso, peguei a velha chave de latão e a guardei no bolso.

Do outro lado da porta, ouvi a voz abafada de Gustaw e, logo depois, meu próprio nome. Não tentei escutar a conversa. Fechei o caderno e observei o fragmento de pintura que conseguira revelar sob as camadas de tinta.

Uma hora antes, eu tinha certeza de que sabia como transformar aquele lugar e organizar os próximos anos da

minha vida. Agora, o homem que um dia eu conhecera melhor do que qualquer outra pessoa estava do outro lado da porta, e seu retorno despertava em mim algo muito mais difícil de enfrentar do que a raiva.

Quando Gustaw voltou, perguntou:

— Você pode deixar uma chave comigo para que eu venha mais cedo amanhã?

Tirei do bolso um molho com duas chaves comuns e as coloquei sobre a mesa. A terceira, de latão, mantive na mão.

— Essas são suficientes. A última fica comigo.

Ele me examinou por um instante e depois assentiu.

— Tudo bem. Por enquanto.

Não havia ameaça em sua voz. Havia algo pior: a paciência familiar de um homem que sabia esperar por uma resposta, mesmo quando o que eu mais temia era ter de dá-la.

Eu queria perguntar se ele havia voltado apenas por causa do ateliê. Em vez disso, apertei os dedos ao redor da chave e deixei que o silêncio se instalasse entre nós.

Mas, se algum dia Gustaw me pedisse não o acesso ao ateliê, e sim um lugar novamente na minha vida, será que eu realmente conseguiria fechar a porta para ele?

Capítulo 1 - As condições do retorno

Na manhã seguinte, Wrocław parecia uma cidade onde alguém havia esquecido de abrir as persianas. Nuvens baixas impediam que a luz alcançasse os telhados, bondes atravessavam as ruas molhadas e as pessoas passavam umas pelas outras com o rosto escondido nas golas dos casacos. Eu caminhava em direção ao prédio antigo carregando uma sacola de papel cheia de documentos e dois copos de café, uma compra da qual já estava arrependida. Um era para mim. O outro eu havia comprado por impulso, lembrando que Gustaw não gostava de leite e sempre escolhia o café mais forte que conseguisse encontrar.

Por um instante, considerei jogar o segundo copo fora. Acabei concluindo que desperdiçar dinheiro apenas para provar minha independência seria uma atitude excepcionalmente infantil. Isso não significava que eu pretendia tratar nosso encontro como uma retomada da antiga amizade.

Precisávamos decidir o futuro do ateliê de Michał Rudzki. Nada de lembranças, confissões sentimentais ou conversas sobre os motivos que nos haviam levado a parar de nos falar sete anos antes.

Pelo menos esse era o meu plano.

Gustaw me esperava no térreo, diante da porta do antigo ateliê. Estava sem casaco, usando calça escura e camisa clara, com as mangas arregaçadas. Segurava o celular junto ao ouvido enquanto ajudava uma vizinha idosa a passar com um carrinho de compras pela soleira da porta. Quando me viu, levantou um dedo, pedindo um instante. Despediu-se de

quem estava ao telefone, guardou o aparelho e só então se dirigiu à mulher.

— Dona Helena, por favor, não carregue essa sacola até o terceiro andar hoje. Em dez minutos, alguém da administração vai levá-la para a senhora.

— Você vive prometendo coisas, Gustaw, mas não vou ficar esperando até a hora do almoço — respondeu ela.

— Dez minutos. Dou minha palavra.

A mulher lançou um olhar desconfiado para ele e depois para mim.

— E você deve ser aquela moça do Michał, não é?

— Sabina Mazur.

— Eu sei, minha filha. Michał me mostrava suas fotografias. Dizia que você tem muita paciência com coisas antigas e bem menos com pessoas.

Gustaw virou o rosto para esconder um sorriso.

— Ele não exagerava — admiti.

Dona Helena deu uns tapinhas carinhosos na minha mão e seguiu em direção ao elevador. Gustaw esperou até que as portas se fechassem.

— Você trouxe café para mim?

— Comprei dois. Não tire conclusões precipitadas.

— Nunca tiro conclusões precipitadas.

— Claro. Você simplesmente toma decisões antes que os outros tenham tempo de entender o problema.

Ele aceitou o copo sem outra resposta. Eu sabia que havia tocado em um ponto sensível, embora ainda não tivesse certeza de quanto.

O ateliê ficava no térreo do mesmo prédio onde eu estava reformando o apartamento do segundo andar. Michał utilizara os dois espaços durante anos: embaixo, realizava trabalhos de restauração e ministrava aulas; em cima, guardava parte de seu acervo e preparava projetos maiores. Depois de sua morte, Gustaw e eu herdáramos, cada um, metade dos direitos sobre os dois imóveis e os equipamentos relacionados a eles. O testamento não determinava como deveríamos utilizá-los. Continha apenas uma frase que eu praticamente sabia de cor: "Não deixem que este lugar pare de servir às coisas e às pessoas às quais ninguém mais quer dedicar tempo".

Michał sabia ser um professor genial. Também podia ser terrivelmente ingênuo quando se tratava de acreditar que as pessoas conseguiriam chegar a um acordo.

Gustaw abriu a porta com uma das chaves comuns que eu lhe entregara no dia anterior. Afastou-se, deixando que eu entrasse primeiro.

Lá dentro, fazia aquele frio familiar. Nas prateleiras havia potes de pigmentos, caixas cuidadosamente identificadas e recipientes de vidro com ferramentas. Uma janela alta dava para o pátio, onde a chuva se acumulava sobre as folhas avermelhadas da trepadeira. Encostada à parede estava a mesa pesada de Michał, marcada pelas cicatrizes de décadas de trabalho.

Parei diante dela.

— Não mexi em nada que não fosse necessário — disse Gustaw.

— Estou vendo.

Passei um dedo pela borda do tampo. Em determinado ponto havia uma pequena depressão que eu fizera

dezesseis anos antes, quando deixara cair um formão por falta de jeito. Michał nunca a consertara. Costumava dizer que um objeto sem marcas de uso era um objeto sem história.

— Vamos ficar com esta mesa — declarei.

— É justamente sobre esse tipo de coisa que precisamos conversar.

Virei-me.

— Você está sugerindo vendê-la?

— Estou sugerindo que não podemos decidir o futuro de toda a propriedade com base no apego sentimental a um único móvel.

Coloquei a sacola sobre uma cadeira.

— Não vim aqui para falar de sentimentalismo. Tenho um projeto, uma estimativa de custos e conversas preliminares com pessoas interessadas em colaborar.

— E eu tenho contas de aquecimento, um laudo sobre a instalação elétrica e um orçamento para consertar o telhado.

— Ótimo. Pelo menos nós dois nos preparamos para a reunião.

Espalhamos os documentos sobre a mesa, separados por uma larga faixa de madeira rachada. Durante os primeiros vinte minutos, conversamos de maneira quase inteiramente profissional. Mostrei a ele meu projeto de adaptação do apartamento do segundo andar, o plano para utilizar o ateliê de baixo em cursos e trabalhos de restauração, além da previsão de receitas para o primeiro ano. Eu não pretendia criar uma galeria luxuosa nem mais um estabelecimento que vendesse objetos de decoração sofisticados. Queria trabalhar com interiores históricos e oferecer oficinas

acessíveis também a pessoas que não tivessem muito dinheiro.

Gustaw ouviu atentamente. Fez perguntas específicas, conferiu os números e voltou aos itens que exigiam esclarecimentos. Não menosprezou meu trabalho. Justamente por isso, estava ficando cada vez mais difícil continuar zangada com ele.

— Você está considerando uma ocupação de setenta por cento dos horários disponíveis nos primeiros seis meses — observou.

— Tenho três clientes prontos para assinar contratos e duas pessoas interessadas em oficinas periódicas.

— Mas ainda precisa de uma reserva para despesas inesperadas.

— Está no anexo número quatro.

Ele encontrou a página correspondente, leu e assentiu.

— Você fez bem as contas.

— Surpreso?

— Não. Você sempre foi meticulosa.

— E você sempre achou que meticulosidade, sozinha, não bastava.

— Porque não basta quando o telhado começa a apresentar infiltrações.

Ele retirou seu próprio orçamento da pasta. Os valores não eram daqueles que se podia simplesmente ignorar. O conserto do telhado, a substituição de parte das instalações, a adaptação da ventilação e a proteção dos porões consumiriam praticamente todos os recursos que eu pretendia destinar à primeira etapa do investimento.

Fiquei em silêncio.

Gustaw não aproveitou aquele momento para declarar vitória. Apenas deslizou outro documento na minha direção.

— Queria que você também analisasse uma alternativa de financiamento.

Examinei a tabela.

— Você está considerando receitas com aluguel.

— Sim.

— Do ateliê inteiro?

— Essa é uma das possibilidades.

Levantei a cabeça.

— Gustaw.

— Escute até o fim.

— Já ouvi o suficiente para perceber que estamos falando de dois futuros completamente diferentes.

Ele apoiou as mãos sobre a mesa.

— Quero proteger a propriedade de novas dívidas. O prédio precisa de reparos que não podem mais ser adiados. Durante anos, Michał postergou reformas porque sempre aparecia alguém precisando mais do dinheiro e do tempo dele.

— Eu sei como Michał vivia.

— Então também sabe por que não quero repetir os erros dele.

Aquilo doeu mais do que deveria.

— Não chame de erro o ato de ajudar as pessoas.

— Não estou chamando. O erro foi fingir que o edifício não precisava de manutenção só porque alguém precisava do ateliê.

Ele tinha razão em uma coisa. Dinheiro não surgia simplesmente da boa vontade. Mas eu não podia permitir que argumentos econômicos anulassem automaticamente tudo aquilo que era importante para mim.

— Não quero administrar meu negócio de acordo com as exigências de um inquilino qualquer — respondi. — Não passei anos construindo meu nome profissional para acabar me tornando uma visitante em um lugar que Michał também deixou para mim.

— E eu não quero que, daqui a um ano, sejamos obrigados a vender tudo porque não conseguimos arcar com a manutenção do prédio.

— Então o que você espera de mim?

Ele olhou para os documentos espalhados.

— Que não tomemos nenhuma decisão irreversível nas próximas seis semanas. Nenhuma reforma cara sem aprovação conjunta, nenhum compromisso com prestadores de serviço e nenhuma atividade comercial antes de definirmos como tudo será financiado.

— Seis semanas? Meus colaboradores não vão esperar para sempre.

— Não estou pedindo uma eternidade.

— Está pedindo que eu interrompa tudo aquilo em que venho trabalhando.

— Estou pedindo que verifiquemos se o seu plano resiste a um confronto com a realidade.

Durante um longo momento, sustentamos o olhar um do outro. Eu percebia o cansaço nas pequenas rugas ao redor dos olhos dele, mas também a teimosia que conhecia dos velhos tempos. Gustaw nunca gritava quando estava convencido de que tinha razão. Falava ainda mais calmamente, como se elevar a voz fosse sinal de fraqueza.

Antigamente, eu sabia como tirá-lo daquele equilíbrio. Não tinha certeza de que ainda desejava fazer isso.

— E se, durante essas seis semanas, descobrirmos que é possível financiar tudo sem recorrer ao aluguel comercial? — perguntei.

— Então consideraremos sua proposta em condições de igualdade.

— Não quero uma promessa de que você vai considerá-la. Quero ter certeza de que minha opinião realmente terá peso.

— Você é proprietária de metade do imóvel, Sabina.

— Estou perguntando sobre algo que vai além do que está registrado no cartório de imóveis.

Pela primeira vez desde o início da conversa, ele baixou os olhos.

— Entendo.

Eu não tinha certeza de que realmente entendia. Gustaw passara anos administrando edifícios, negociando com empreiteiros, bancos e proprietários para os quais prazos significavam dinheiro. Acostumara-se a tomar decisões rapidamente. Eu trabalhava com coisas que exigiam paciência e disposição para aceitar incertezas. Era capaz de passar uma semana examinando um fragmento de tinta antes de decidir como limpá-lo com segurança.

Michał sempre repetia que nós dois formaríamos uma equipe extraordinária. Não levava em consideração a facilidade com que duas pessoas teimosas podiam ferir uma à outra justamente por conhecerem tão bem seus pontos fortes.

— Você se lembra daquela cômoda do apartamento em Sępolno? — Gustaw perguntou de repente.

Franzi a testa.

— Aquela que alguém tinha pintado de verde?

— Exatamente. Você disse que precisava de três semanas para decidir o que fazer com ela. Michał queria jogá-la fora porque ocupava metade da oficina.

— E você a levou para os fundos, para que eu pudesse trabalhar em paz.

— E todos os dias eu levava um chá que você nunca bebia enquanto ainda estava quente.

Sorri involuntariamente.

— Porque você sempre deixava a xícara perto demais dos solventes.

— Só queria dizer que sei esperar pelas suas decisões.

— Antigamente, sabia.

O sorriso desapareceu do rosto dele.

— Sim. Antigamente.

Por alguns instantes, o silêncio ficou tão nítido que consegui ouvir o ruído distante dos carros passando do lado de fora. Eu poderia ter perguntado o que havia mudado. Poderia ter dito quanto sentia falta do homem com quem conseguia passar noites inteiras sem precisar preencher cada silêncio.

Em vez disso, peguei uma caneta.

— Seis semanas é tempo demais. Dou a nós quatro semanas para preparar uma comparação das alternativas. Depois, decidiremos os próximos passos. Até lá, posso continuar com as sondagens e os trabalhos de proteção que não afetem a estrutura nem gerem obrigações financeiras conjuntas.

— Preciso de cinco.

— Quatro semanas e meia?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você está negociando meia semana comigo?

— Estou apenas começando.

Ele soltou uma risada baixa. Aquele som era tão familiar que, por um instante, deixei de enxergar diante de mim o administrador de um edifício e voltei a ver o homem que, antigamente, conseguia me fazer rir depois dos piores dias.

— Cinco semanas — disse ele. — E uma avaliação das instalações contratada em conjunto.

— Quatro semanas para os orçamentos. A quinta será exclusivamente para tomar uma decisão. Sem prorrogações automáticas.

Ele considerou a proposta.

— De acordo.

Anotei a condição no caderno. Gustaw estendeu a mão, como se quisesse selar o acordo com um aperto de mãos. Olhei para ela e depois para ele.

— Ainda não assinamos nada.

— É só um gesto.

— Conheço seus gestos.

— De alguns, acho que você se lembra melhor do que eu.

Ele não retirou a mão, mas também não tentou me apressar.

Por fim, apertei sua mão. Estava quente, seca e era familiar. O contato não durou muito. Ainda assim, foi suficiente para eu perceber como poderia ser difícil separar a antiga intimidade das responsabilidades presentes.

Fui a primeira a soltá-lo.

Antes do meio-dia, subimos ao segundo andar para verificar quais medidas de proteção seriam necessárias. Gustaw examinava o teto acima da porta da sacada quando lhe mostrei uma mancha de umidade que havia aumentado desde a semana anterior. Ele não tentou contestar minha avaliação. Telefonou para um técnico, descreveu o problema e pediu uma inspeção urgente dos arremates metálicos do telhado.

Observei a maneira como ele conduzia a conversa. Com firmeza, mas sem impaciência. Quando o homem tentou transferir a responsabilidade para a equipe anterior, Gustaw tranquilamente trouxe a discussão de volta ao que precisava ser feito naquele momento. Lembrei-me de por que, no passado, trabalhávamos tão bem juntos.

Ele sabia lidar com problemas dos quais outras pessoas fugiam.

Quando desligou, olhou para mim.

— Não vamos correr o risco de danificar a pintura que você descobriu. Vou providenciar uma proteção antes da próxima chuva.

— Obrigada.

— De nada. Viu? Conseguimos conversar normalmente.

— Não se acostume.

Ele sorriu, mas logo ficou sério.

— Sabina, sei que você não confia em mim como antes.

Eu não esperava ouvir aquilo.

— Não é uma questão que possa ser resolvida em um único encontro.

— Eu sei. Não espero que consigamos consertar tudo em um dia.

Observei-o atentamente.

— E você quer consertar alguma coisa?

Por um momento, ele não respondeu. Estava perto da janela, com uma mão apoiada no batente, enquanto a luz do meio-dia de novembro realçava os fios prateados de seus cabelos.

— Não gosto de deixar coisas importantes no estado em que pararam de funcionar — respondeu.

— Pessoas não são instalações elétricas, Gustaw.

— Eu sei. Com instalações, geralmente é mais fácil descobrir onde está a interrupção.

Quase sorri.

Mais tarde, enquanto recolhia os documentos, percebi uma breve notificação na tela do celular dele. Não consegui ler a mensagem, mas reconheci o sobrenome Wierzbicki. O mesmo que vira no dia anterior. Gustaw guardou o telefone antes que eu tivesse tempo de perguntar.

— Preciso voltar ao escritório — disse. — Vou mandar o levantamento de custos hoje à noite.

— E nenhum acordo adicional sem me consultar?

Ele manteve os olhos fixos no meu rosto.

— Devemos tomar as decisões juntos.

Não era exatamente a resposta que eu havia pedido. Percebi a diferença, embora ainda não tivesse motivo para insistir no assunto.

Quando ele estava saindo, chamei-o perto da porta.

— Gustaw?

Ele se virou.

— Sim?

— Fico feliz que você não tenha se desfeito da mesa de Michał.

Ele olhou na direção da escada, como se procurasse uma resposta.

— Nem tudo que é antigo precisa ser substituído por alguma coisa nova.

Antes que eu pudesse responder, ele desceu.

Fiquei sozinha no apartamento vazio, segurando o caderno cheio de acordos e anotações. Já sabia que as próximas semanas não se pareceriam com nenhuma reforma que eu havia conduzido até então.

E não apenas porque teria de negociar cada despesa mais significativa.

Pela primeira vez em sete anos, eu queria saber o que Gustaw realmente pensava quando parava de falar.

E aquilo era muito mais perigoso do que qualquer orçamento.